

#38 Iniciando o Roteiro de 21 itens - Introdução Contexto

– RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #38

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Iniciando o Roteiro de 21 itens, Retiro de Inverno, 2ª parte.

Nós estamos olhando o Roteiro de 21 itens e nesse Roteiro, na primeira parte do Retiro, nós fomos até os Oito Pontos do Prajnaparamita. Fomos olhando com detalhe, com cuidado - quem quiser olhar está lá no site da Ação Paramita como uma linha temática, passo a passo.

Minha sugestão é que as pessoas olhem isso e façam as contemplações correspondentes, porque, quando entendemos alguma coisa - já não é muito fácil entender [risos] - quando nós entendemos, é necessário fazer as contemplações para manter aquilo como algo claro. A compreensão do que significa “algo claro” está ligada à noção das Terras Puras ou Mandalas, ou bolhas de realidade, está dentro desta abordagem. Como que nós entendemos isto? A nossa mente sempre opera correto. Podíamos pensar que a mente se confunde, que sempre faz tudo errado. Mas não, ela faz sempre tudo correto dentro da bolha que ela está operando. Esse que é o ponto. Nós temos nossas bolhas de realidade e a mente opera o foco a partir da base. Porque o foco sempre vai operar a partir de uma origem que tem uma porção de elementos como referência, e esses elementos surgem como a bolha de realidade.

Como nós analisamos na primeira parte do Retiro de Inverno – que começou ainda em julho – isso tem uma conexão com o pensamento de Wittgenstein, onde ele vai mostrar que toda operação da mente está na dependência de um espaço de possibilidades, de um conjunto de referenciais, e a partir disso surgem os pensamentos possíveis e as conclusões, e as visões possíveis. Esses pensamentos e essas visões são o foco da mente. E não nos damos conta de que a base a partir da qual estamos gerando esse foco também é uma base construída. Nós tomamos essa base como se fosse algo natural, nós nem temos uma consciência dela. De modo geral, ele surge como um conjunto de elementos que nem nos damos conta de que existe. A ação da base é muito profunda. Ela é muito importante! Ela termina decidindo o que é possível, o que não é possível, quais são os impulsos, o que é visto a partir do foco da mente. Esse é o ponto crucial.

Estávamos olhando esses elementos todos, examinando essas questões. Por exemplo, quando nós entendemos os ensinamentos, de algum modo precisaríamos alterar a base. Porque quando os ensinamentos são apresentados, eles são apresentados a partir de um foco. Nós temos que transformar esse foco que é como se fosse a transmissão. Nós compreendemos aquilo e aí a gente precisa transformar na base a partir da qual nós funcionamos de um modo natural, a nossa própria mente.

Essa transformação do foco na base, se ela não ocorrer, o que acontece? Temos uma compreensão intelectual das coisas. Nós temos uma compreensão. Quando esquecemos daquilo, temos a nossa experiência comum. Também quando temos uma experiência comum, e lembramos daqueles ensinamentos, aqueles ensinamentos não transformam a nossa vida. Porque eles surgem como uma sensação que nós temos um conhecimento, alguma coisa que ornamenta a nossa vida real. Nós temos uma sensação de vida real, e essa sensação de uma vida real brota justamente da base contaminada, ou seja, da bolha de realidade que nós estamos operando. Se o ensinamento não transforma a bolha, falta um pedaço.

Essa transformação da bolha se dá através da contemplação. Não é que vamos ficar agora convencidos de uma outra coisa que tem que repetir muitas vezes algo para então internalizar aquele referencial e tornar aquilo uma realidade, que seria como uma realidade artificial. Não é isso. Na medida em que ouvimos ensinamentos do foco, nós passamos a olhar as coisas de uma forma mais profunda. A gente vê como elas são, como é que elas sempre foram, e como é que isso se manifesta mesmo além do tempo. Essa visão substitui a visão comum, que é a visão dos aspectos transitórios. As bolhas de realidade todas elas são transitórias. Elas funcionam por um tempo, depois deixam de funcionar.

A nossa pergunta sempre é "O que é real? O que há de base verdadeira que não muda?" Essa base verdadeira, numa das linguagens budistas seria nós descrevermos a Mandala do Buda Primordial - que é a visão do mundo que inclui a nós mesmos na perspectiva última. Essa é a Mandala. Se eu estiver olhando as realidades todas desse modo, então a operação do foco da mente é a própria operação da mente dos Budas. Ela transforma todas as aparências que são darmas, em lucidez - e nós vamos usar a mesma palavra para isto: darma é ilusão, Darma é lucidez. Aparências lúcidas. É super importante que a gente tome os ensinamentos e contemple. Não vou dizer que é inútil tomar os ensinamentos e não contemplar. Não é inútil, mas é menos de 10%, é 1% do resultado. O grande mérito de nós tomarmos os ensinamentos mesmo sem transformar e fazer surgir as Mandalas em lugar das bolhas, onde está o mérito disso? O mérito disso está em que nós temos mais chances de poder retornar quando nós precisarmos. Mas não há nenhuma dúvida de que nós não temos como ir adiante sem a transformação das bolhas de realidade em Mandalas, sem reconhecer a Mandala Natural, a Mandala não elaborada, não construída, não artificial. Esse é o nosso processo. Escondida na aparência das bolhas está a Mandala Natural. Incessantemente presente. Esse é o nosso ponto. Isso é o que nós precisaríamos fazer.

Os esforços dos ensinamentos vêm sempre na perspectiva de Chenrezig, ou seja, nós somos alcançados onde nós estamos. A linguagem que o Buda utiliza para se dirigir a nós é a linguagem de Chenrezig. Chenrezig representa a compaixão que brota da própria lucidez. Quando a mente está livre das aparências, ela reconhece como que os seres experimentam as aparências, e como, por isso, eles sofrem - e o sofrimento é inevitável - quando a lucidez reconhece isso, surge também a clareza que esses elementos que

produzem o próprio sofrimento e esse ambiente que produz o sofrimento é algo transitório. Nós podemos facilmente ver isso porque nós entendemos que existem ambientes mais tóxicos, piores e existem ambientes melhores. Esses ambientes, nós podemos facilmente, com nossa própria mente, fazer as transformações.

Nos ensinamentos do Buda se descrevem os Três Reinos, e depois, dentro do Reino do Desejo, temos ainda os Seis Reinos. Nós temos ainda muitas diferentes perspectivas onde a mente pode gerar referenciais artificiais, ficar presa, produzindo realidades que posteriormente serão substituídas por outras e outras. E aí surge a expressão que é transmigração. Ou seja, o foco da nossa mente vai transmigrando por diferentes cenários – esses cenários podem ser tão diferentes, por exemplo, quanto o Reino dos Deuses, e o Reino dos Infernos, o Reino dos Asuras, dos Semi Deuses, o Reino dos Animais ou o Reino dos Seres Famintos, ou o Reino Humano. Esses reinos, ainda que possam surgir nas mesmas aparências, as experiências são completamente diferentes à da mente focada. Sendo que a base da mente, ou seja, a operação da paisagem, da bolha, é completamente diferente, e por isso a experiência do foco também se torna diferente. Porque ela é originação dependente operando a partir de uma base nesse caso, diferente. Mas como as pessoas estão num mesmo lugar para os olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, quando elas veem, elas veem de acordo com as bolhas correspondentes.

Isso é traduzido pela própria transmigração. Como há essas muitas diferentes visões, nós percebemos que podemos ir de uma visão para a outra e de uma visão para a outra, enquanto que o aspecto último da realidade, ele não é algo que possa ser construído, que nós possamos ter a sensação de transmigração. Porque por dentro de cada uma dessas experiências variadas que possamos ter, ali está presente também, expressa completamente, a natureza primordial que serve de base - Darmata - que serve de base para todas as experiências.

As experiências comuns, os seres acessam. Eles, por vezes, não conseguem fazer a transmigração de um lugar para o outro, aquilo parece inacessível. No entanto, as experiências comuns eles não conseguem transitar; e com mais dificuldade ainda, surge a tentativa de localizar aquilo que está além de todas essas experiências transitórias. Quando nós estamos mergulhados nas experiências transitórias, elas parecem tão reais, que nós explicamos tudo. E não temos a sensação de que qualquer outra coisa seja mais profunda do que isso mesmo. Ainda assim, uma vez que nós não entendemos totalmente, surgem questões que nós não conseguimos resolver como por exemplo: "Onde que as coisas se originaram?" "Como que elas se originaram?" "Que princípio produz essa originação?" "Há alguém, há alguma mente, há algo que produza isto tudo?" "E quando as coisas se dissolvem, para onde elas vão?" "Para onde nossos pais vão?" "Para onde nossos avós foram?" E, eventualmente, "onde nossos filhos, nossos entes queridos, em meio à vida e a morte, desapareceram da nossa presença?" "Para onde eles foram?" "O que acontece?" "Eles estão vivos em algum lugar?" "Eles existem ainda?" "Se eles se dissolveram totalmente, de onde é que eles surgiram para poderem se dissolver?" "Como que é possível o surgimento dos seres totalmente palpáveis que deram vida a nós mesmos, e eles mesmos se dissolvem?" "E que significado tem isso?" "Como que essa tragédia de vidas e mortes surge?" "Esse espetáculo extraordinário de vidas e mortes surge, que incluem planetas, estrelas." "Como é que isso tudo surge e tudo cessa, sem uma explicação de onde isso vem e para onde isso vai?"

Então quando nós achamos o mundo muito natural, muito normal, surgem essas questões também. Essas questões não são possíveis de serem resolvidas e nós continuamos com

essas dúvidas. A cada noite, se nós olharmos principalmente nesta época de céu claro e muitas estrelas, nós olhamos para esse céu e ele é uma incógnita para nós. Com certeza, nossos antepassados, todos olharam para esse céu e também não entenderam. Então, agora é nosso tempo de olhar essas questões e também de nos alegrarmos que grandes mestres surgiram, Budas surgiram e trouxeram os ensinamentos e apresentaram uma clareza completa, com relação não apenas ao mundo, mas à mente que contempla o mundo.

O Buda apresentou os ensinamentos na forma das Quatro Nobres Verdades. Eu acho maravilhoso que nós tenhamos este eixo das Quatro Nobres Verdades e nós podemos, com certeza, trazer todos os ensinamentos que foram apresentados pelo Buda a partir das Quatro Nobres Verdades. Os diferentes ensinamentos são como explicações adicionais sobre essas diferentes partes.

Aqui nós estamos dando sequência ao Retiro de Inverno, tratando dos 21 itens. Esses 21 itens são estruturados a partir dos ensinamentos de Garab Djorge – do último testamento de Garab Djorge – ou seja, Visão, Meditação, Ação, Fruição. Esses ensinamentos todos podem ser guardados nessas categorias: Visão, Meditação, Ação e Fruição. E nós seguimos os comentários de Dudjom Rinpoche e de Gyatrul Rinpoche. Sendo que o texto de Gyatrul Rinpoche está publicado agora pela Editora Bodisatva. Vocês verão esse texto maravilhoso junto com outros textos, também transformadores, a partir de Gyatrul Rinpoche, que é Mestre do Lama Alan Wallace. Foi um dos amigos de Chagdud Rinpoche também. Ambos mais ou menos da mesma idade, foram alunos por sua vez de Dudjom Rinpoche.

Às vezes, pensamos que o tempo é infinito, mas o tempo passa. Nesse momento, no final da década de 80, foi a época que desapareceu Dudjom Rinpoche e também Dilgo Khyentse Rinpoche e isso foi muito impactante – a morte desses grandes mestres. Tivemos também a morte de Trungpa Rinpoche, que também foi muito impactante, e mais recentemente nós tivemos ainda a morte de Chagdud Rinpoche - quando olhamos daqui, são 18 anos. Chagdud Rinpoche nasceu em 1930 e ele estaria fazendo agora 90 anos. Muito impactante isto. Sua Santidade, o Dalai Lama nasceu em 1935 – ele completou este ano 85 anos - isto, também é muito impactante. Estes grandes mestres! O tempo passa, como os mestres sempre dizem nós não deveríamos duvidar da capacidade de compreender os ensinamentos; eles sempre falam disso, que eles também tiveram um tempo em que não conseguiam entender, e os mestres deles também diziam: “vocês não duvidem“. Nós estamos neste momento em que os ensinamentos ainda existem. Estamos fazendo esta passagem. Poderíamos dizer que o Tibete não existe mais na forma como ele existiu, ou seja, para o bem ou para o mal, o Tibete não existe mais da forma como existiu.

Nós podemos ficar um pouco abalados com isto porque, durante este tempo todo, desde Guru Rinpoche, os ensinamentos foram guardados naquele lugar extraordinário, protegido pelas encostas dos Himalaias, que representavam uma barreira que, não vou dizer intransponível, mas uma barreira muito difícil de transpor por exércitos, é como se fosse uma fortaleza natural. Quando os mongóis chegaram lá, era muito difícil subir aquilo tudo com grandes exércitos. Então o Tibete se manteve protegido por um tempo muito longo, e o Budismo se estruturou da forma que ocorreu. Surgiu protegido por grandes reis-darma e muitos grandes lamas se transformando também em reis locais, chefes locais, e durante muitos séculos se manteve esta visão, que é uma visão de estados locais eclesiásticos. Era como se todos os reis fossem, de algum modo, líderes espirituais também. Era comum os reis locais se vestirem como lamas, com o mesmo tipo de roupa

e com o mesmo tipo de autoridade. Isso é um formato. O formato veio, se estabeleceu por um tempo, e desapareceu. Essencialmente esse Tibete desapareceu. Agora nós temos o Dharma no Ocidente, num formato completamente diferente, onde o Dharma dialoga com a Ciência. A base é a Ciência. Nós não temos como evitar isto, se é que isso seria desejável. Eu acho a base da ciência a melhor base para o próprio Dharma. Estamos vivendo este tempo.

É muito importante que cada um entenda isto e compreenda que seu próprio período de vida passa, e que seria o tempo - para aqueles que conseguem fazer isto - o tempo de contemplar, de transformar os ensinamentos em alguma coisa viva. Não que os ensinamentos não estejam completamente escritos ou apresentados nas próprias aparências. Eu acho notável os ensinamentos de diferentes mestres não budistas também onde nós podemos ler visões muito profundas que se aproximam das visões do próprio Dharma. Tem os ensinamentos Guarani, por exemplo, da tradição dos nossos irmãos do povo Guarani, das várias etnias Guarani, que foram compilados pelo Kaká Werá. É muito bonito a forma, o mito da criação, como que eles vêem as realidades, como que eles vêem estes aspectos todos. E nós podemos adivinhar esta proximidade com o próprio ensinamento do Buda, ainda que, naturalmente, não haja budas ali, num sentido religioso. Mas há Budas no sentido da lucidez dos velhos mestres contemplando as realidades. Porque o ensinamento do Buda não é um ensinamento do Budismo, não é o budismo. O ensinamento do Buda é o ensinamento sobre a natureza da realidade. Então vocês vão ver traços destes ensinamentos no pensamento islâmico, no pensamento cristão, no pensamento judaico, no pensamento de muitas diferentes tradições e, naturalmente, completamente imerso no pensamento das tradições hindu. Quando nós analisamos com cuidado esses aspectos todos, nós vemos que a diferença entre as tradições espirituais não está propriamente no conteúdo do ensinamento. Nós podemos adivinhar os conteúdos e encontrar muitas similaridades. As diferenças estão mais no aspecto político e temporal de como esses ensinamentos são preservados. Entre as desgraças - e por vezes podemos achar que são méritos - da preservação dos ensinamentos das várias tradições religiosas, incluindo o budismo, está a conexão com o poder temporal. Quando as tradições religiosas são protegidas pelos chefes locais, pelo poder temporal, isto, por vezes, é considerado algo favorável. Mas as autoridades locais, os chefes temporais, os reis, os estados, eles estão em constante disputa uns com os outros, então é completamente natural - na medida em que eles se aproximem e protejam alguma tradição - que aquela tradição termine sendo utilizada como base para o sistema de domínio ou de defesa ou de opressão. Isto acontece com cada uma das tradições religiosas que acabam protegidas por estados nacionais ou estados locais. Naturalmente nós vamos incluir aí o próprio budismo. Se olharmos o pensamento cristão, as tragédias são completamente claras, inteiramente claras por um tempo muito longo. Esse uso ou essa proximidade termina produzindo uma ênfase em pequenas diferenças que são essenciais para que diferentes estados justifiquem uma posição e outra contra uns aos outros, e tragam argumentos religiosos para isso. Isso é muito comovente.

Quando nós sentamos em roda e vamos tratar dos ensinamentos, fora de qualquer tensão étnica ou política, ou estrutural de estados, é muito mais fácil de vermos convergências entre as várias tradições. Vamos encontrar, aqui no Brasil tem muitas iniciativas de diálogos entre as várias tradições. As pessoas sentam alegremente umas com as outras e convergem facilmente. Mas quando elas representam estados nacionais e políticas específicas, aí se torna irreconciliável, completamente irreconciliável.

Estou trazendo essas visões tentando estimular que a gente, neste tempo, possa abandonar o foco naquilo que é transitório, e foque efetivamente esta capacidade de entender os ensinamentos, contemplar as aparências e aprofundar a nossa própria experiência. Com isso em mente, nós vamos seguindo o estudo dos vários itens ligados às 4 Nobres Verdades e ao Roteiro de 21 itens. Neste momento, ao final da primeira parte do Retiro de Inverno, nós fomos até o final dos Oito Pontos do Prajnaparamita. Na sequência, eu pensei em seguir na linha do próprio Prajnaparamita, tomar um segundo texto do Prajnaparamita, que é o Prajnaparamita Vajracchedika, chamado Sutra do Diamante.